



ROMMEL NA CONFERÊNCIA DE MARGIVAL

Maj ALVARO GALVAO PEREIRA
Aluno da ECEME

1 — Antecedentes Militares

O desembarque aliado nas praias da Normandia, em 6 de junho de 1944, encerrou, para os alemães, um período de expectativa que já se tornava por demais longo. Desde o cancelamento da operação "Leão Marinho", de invasão da Inglaterra, vinha o Alto Comando Alemão realizando preparativos para a defesa da costa do Atlântico. Coube à Organização Todt o encargo de construir um sistema de fortificações de concreto, pomposamente designado por "Muralha do Atlântico".

Embora de valor defensivo discutível, principalmente por não ter sido concluída antes do desencadeamento da invasão, a "Muralha do Atlântico" espelhava o tipo de defesa que o Alto Comando pretendia realizar no TO de Oeste. Defesa em posição cerrada sobre o litoral, revivendo, de certa forma, a mentalidade de "Linha Maginot", sem utilizar a mobilidade que caracterizava as vitoriosas operações contra a Polônia e a França. Não seria difícil, portanto, prever que tal conceito de defesa, esposado por Hitler, provocaria choques de opinião entre os generais alemães.

A deterioração da situação militar do Reich, na primavera de 1944, provocada mais pela incapacidade do Führer para dirigir a guerra do que pelo valor profissional dos comandantes alemães, adicionou ao problema criado pelo conceito de defesa mais um elemento perturbador. De fato, o esgotamento do potencial humano apresentava-se como problema insolúvel para o Estado-Maior germânico.

A inatividade do TO de Oeste permitiu o artifício inicial de guarnecê-lo com tropas de segunda categoria, compostas por alemães de idade mais avançada e por naturais de países ocupados, inclusive russos brancos. Este artifício possibilitou ao OKW a constituição de uma importante reserva estratégica, mas, na época da invasão, esta reserva já havia sido completamente absorvida pelo TO russo.

Foram êstes, pois, os problemas com os quais se deparou o Marechal-de-Campo Erwin Rommel ao assumir o comando do Grupo de Exércitos B, que juntamente com o Grupo de Exércitos G, constituíam as Fôrças Terrestres do TO de Oeste.

Durante os meses de abril e maio de 1944, o problema da localização das reservas blindadas do TO suscitou os mais vivos debates entre Rommel, de um lado, e o General Barão Geyr von Schweppenburg, Comandante das fôrças blindadas no Oeste, de outro. A divergência devia-se mais a diferença de ponto de vista sôbre as possibilidades aéreas do inimigo, do que sôbre a estratégia adotada para o TO.

Rommel, o único dos comandantes-em-chefe que havia enfrentado a superioridade aérea dos Aliados, desejava colocar as reservas blindadas junto ao litoral, a fim de impedir a ação aérea inimiga contra os blindados, em movimento para a zona de ação. "Se não contra-atacarmos imediatamente após o desembarque — declarava Rommel — nunca mais seremos capazes de realizar um outro movimento, devido a esmagadora superioridade aérea do inimigo".

Muito embora houvesse comandado, em combate, efetivos de blindados superiores aos que Rommel comandara, von Schweppenburg tinha sua vasta experiência de combate limitada ao TO de Este. Sem dúvida, a ação da fôrça aérea russa não permitia formar sequer uma pálida idéia do que fôra a ação da fôrça aérea aliada na África. Entretanto, von Schweppenburg defendia o ponto de vista de que os blindados deveriam permanecer à retaguarda, em condições de deslocar-se para atuação no ponto crítico. Empregar o grosso dos blindados, na defesa contra a invasão, antes de estar definido o esforço do inimigo seria "perder-se com táticas limitadas na praia, disse von Schweppenburg — sacrificando a característica mais cultivada pelo Alto Comando Alemão: a operação móvel".

Como seria de esperar, a disputa envolveu os escalões imediatamente superiores, isto é, o Marechal-de-Campo von Rundstedt, Comandante do TO, a quem Rommel estava subordinado, e o General Guderian, Inspetor-Geral das Fôrças Blindadas, a quem von Schweppenburg estava subordinado.

Devido ao escalão em que se travava a disputa, todos julgavam importante o comparecimento de Hitler ao TO de Oeste. Acreditavam que visitas do Führer a várias partes do TO propiciaria não só um melhor conhecimento das reais necessidades, como também clima favorável a um maior entrosamento de pontos de vista.

2 — Antecedentes Políticos

Se, por um lado, a situação militar estava a exigir a presença do Führer no Oeste, para Rommel, particularmente, a situação política tornava imperiosa a necessidade de um contato pessoal com Hitler.

O primeiro político a procurar Rommel foi o Dr. Strölin, Prefeito de Stuttgart. Em fevereiro de 1944, discutiu com Rommel as possibilidades de uma mudança legal de governo e os meios para pôr fim à guerra.

No dia 15 de abril de 1944, o chefe do Estado-Maior do Grupo de Exércitos B, General Hans Speidel, apresentou a Rommel, em conversa informal, as idéias ventiladas no decorrer de conversações em Freudens-tadt (Württemberg), realizadas no dia anterior. Haviam participado das conversações o Dr. Strölin e o Dr. Goerdeler, antigo Prefeito de Leipzig. O Dr. Goerdeler era a força propulsora da idéia de substituir Hitler na chefia do governo. Realizava, também, os principais contatos entre os civis e os altos chefes militares.

A opinião de Rommel era que se devia pôr um fim à guerra no Oeste e mudar a forma de governo, concentrando-se todo o poderio germânico para enfrentar o Exército Vermelho. Opunha-se a qualquer plano para assassinar Hitler. Não desejava transformá-lo em mártir. Sua idéia era empregar formações Panzer de confiança para aprisionar Hitler, conduzi-lo perante uma côrte alemã a julgá-lo por crimes contra o seu próprio povo e contra a humanidade. Era importante que o Führer fôsse julgado pelo povo que o elegeu.

No dia 15 de maio, Rommel e o General Karl Heinrich von Stülpnagel, Governador Militar da França, encontraram-se numa casa de campo em Mareil-Marly, próximo a St. Germain, para uma conferência informal sôbre as medidas necessárias para pôr fim à guerra no Oeste e derrubar o regime nazista. "Ambos participaram ao Comandante-em-Chefe do Oeste, von Rundstedt, suas apreensões políticas e problemas militares, encontrando um ouvinte atento", segundo o General Speidel.

Para não levantar suspeitas, Rommel enviou o seu chefe de Estado-Maior para participar de uma reunião marcada para 27 de maio, em Freudens-tadt. Nesta reunião, o antigo Ministro do Exterior, Barão Constantin von Neurath, solicitou que um apêlo urgente fôsse dirigido ao Marechal para estar pronto a assumir função importante na libertação do Reich, ou como chefe das forças armadas, ou como Chefe de Estado interino.

Em fins de maio chegou ao auge a pressão política sôbre Rommel, destacando-se as visitas a La Roche Guyon do Reichminister Dr. Dorpmüller e do Gauleiter de Hamburgo, Kauffmann.

Ao se iniciar o mês de junho de 1944, Hitler continuava adiando a sua tão prometida visita ao TO de Oeste. Rommel, por outro lado, desejava apresentar-lhe, pessoalmente, e sem deixar margem a dúvidas, seus pontos de vista, antes da invasão, sobre a situação política e militar e insistir para que fossem tomadas certas medidas de natureza política. Após consultar o Marechal von Rundstedt, telefonou para o Ajudante de Hitler, General Schmudt, e obteve uma audiência para o dia 6 de junho. Partiu de automóvel para Obersalzberg na manhã do dia 5 — os oficiais mais graduados estavam proibidos de viajar de avião, pois era impossível protegê-los contra a força aérea Aliada. Rommel pretendia passar a noite de 5 para 6 em Herrlingen, próximo a Ulm, com sua família.

Entre 06,00 e 06,30 horas do dia 6 de junho, o Chefe do Estado-Maior do Grupo de Exércitos B relatou, por telefone, ao seu Comandante, os acontecimentos que se desenrolavam na Normândia. Rommel, ainda em Herrlingen, cancelou sua viagem a Berchtesgaden e, por volta das 17,00 horas, estava de volta ao seu QG, em La Roche Guyon.

3 — Margival

A conduta da defesa alemã, durante os dez primeiros dias da invasão, pode ser caracterizada pela resposta dada pelo Alto Comando a todas as solicitações para movimento de unidades engajadas: "Manter o terreno. Não ceder um palmo".

A privação da liberdade de manobra, "esta mixórdia tática, incorreta sob todos os aspectos", no dizer do General Speidel, contribuiu para aumentar a pressão dos comandantes sobre o Alto Comando, exigindo a presença de Hitler no TO. Este decidiu, finalmente, aceder aos contínuos apelos e visitar a frente, "onde poderia colher informações em primeira mão e, se julgasse necessário, tomar novas decisões estratégicas".

Uma ordem telefônica inesperada, na noite de 16 de junho, determinou que ambos os marechais-de-campo, e seus respectivos chefes de Estado-Maior, se apresentassem a Hitler às 09,00 horas do dia 17, no Quartel-General de Combate "W II", em Margival, ao Norte de Soisson.

Não houve tempo para realizar nenhuma preparação para esta conferência. Para cumprir a ordem, Rommel teve que percorrer 200 quilômetros, em direção à retaguarda, imediatamente após regressar, às 03,00 horas da madrugada, de uma inspeção à linha de frente, na península de Cotentin, e que durara vinte e uma horas.

O QG "W II" estava localizado "a oito quilômetros a nordeste de Soisson, onde a ferrovia para Laon passava através de um corte, ao lado da boca de um túnel muito apropriado para esconder o trem especial de Hitler. Dispunha o QG de abrigos de concreto bem camuflados e espaçosos. O refeitório situava-se numa elevação, proporcionando bonita vista sobre a catedral de Soisson. As instalações destinadas ao Führer compreendiam uma ampla sala de trabalho, dormitório com banheiro, alojamento para os ajudantes e abrigos especiais contra ataque aéreo, equipados para trabalho e repouso."

O QG havia sido construído em 1940 para receber o Alto Comando, durante a operação de invasão da Inglaterra. Nunca mais fôra utilizado, até 17 de junho de 1944. Para a realização da conferência a região foi herméticamente isolada pelo Comando SS de Escolta do Führer.

Hitler, juntamente com sua comitiva, viajou de avião de Berchtesgaden a Metz e de carro, daí até Margival, onde chegou na manhã de 17.

Às 09,00 horas teve início a conferência de Margival. Hitler pronunciou uma saudação curta e sêca e passou a demonstrar, rispidamente, seu desgosto pelo sucesso do desembarque Aliado. Sentou-se encurvado sobre um banco enquanto os marechais de campo permaneceram de pé. De acôrdo com o relato de Speidel, "tinha a fisionomia pálida, parecia mal dormido e brincava, nervosamente, com seus óculos e com uma coleção de lápis que apertava por entre os dedos. Seus poderes hipnóticos pareciam haver sumido".

Em seguida, relata Lutz Koch, "von Rundstedt expôs a inferioridade das forças armadas germânicas, assinalando que o domínio aéreo e naval do inimigo havia impedido a intervenção oportuna das divisões inicialmente retidas, e depois liberadas, pelo Alto Comando". Depois, passou a palavra ao Comandante do Grupo de Exércitos B, por ser o comandante-em-chefe da frente invadida.

Rommel, com uma franqueza impiedosa, salientou, então, os aspectos cruciais da defesa. Lembrou que prognosticara antes de 6 de junho, e desde então repetira diariamente, que a luta seria inglória contra tão tremenda superioridade na terra, no mar e no ar. "Após o fracasso dos reconhecimentos da Luftwaffe e da Marinha, os Aliados, contando com esmagador apoio de artilharia, conseguiram desembarcar, por mar e pelo ar, na costa fracamente fortificada e pobremente guarnecida de Calvados e da península de Cotentin. As divisões alemãs engajadas na costa, não haviam sido "apanhadas desprevenidas", conforme informava um comunicado inimigo interpretado ao pé da letra pelo Alto Comando Alemão. Estas divisões, na realidade, haviam lutado até o último alento nas suas débeis posições defensivas. Nesta disputa desigual, oficiais e soldados haviam combatido com um vigor sobre-humano".

Proseguiu, apresentando seu estudo de situação sobre a península de Cotentin e comparando a potência da defesa com a do ataque. Predisse a queda de Cherburgo e solicitou que a batalha fôsse conduzida de acôrdo com as necessidades do momento.

Isto trouxe à baila a questão das fortalezas, ou sejam, cidades e regiões dotadas de fortificações de campanha improvisadas. Rommel "declarou-as inúteis e chamou a atenção para o desperdício insensato de homens e material".

As "fortalezas" constituíam uma das idéias prediletas de Hitler. Neste ponto da exposição de Rommel, o Führer, que até então se mantivera calado, interrompeu o Marechal e teceu breves considerações sobre o valor defensivo das "fortalezas". Para o prosseguimento das operações, diz o General Speidel, declarou "fortalezas" as seguintes cidades e regiões: Ijmuiden, ilha Walcheren, Dunquerque, Calais, cabo Gris Nez, Bou-

logne, Dieppe, Havre, Cherburgo, St. Malo, Brest, Lorient, St. Nazaire, La Pallice, Royan e a foz do Gironda.”

Em continuação, o Marechal Rommel expôs o que julgava ser a intenção dos Aliados: “uma penetração, partindo da região Caen-Bayeux e da península de Cotentin, inicialmente na direção sul e, em seguida, em direção a Paris. Uma operação secundária, ultrapassando Avranches, para isolar a Bretanha.”

O Comando de Oeste estimou, na época, que os Aliados haviam desembarcado durante os dez primeiros dias de invasão, de 22 a 25 divisões “móveis ou blindadas, das quais 11 ou 12 eram inglesas e 11 ou 13 americanas, e que continuava chegando, por semana, de duas a três divisões. Talvez por isso, tenha Rommel declarado na conferência que “o poder relativo das forças alemãs era tão baixo, que não se devia contar com o sucesso da defesa no oeste. Não existia linha de defesa no Sena, nem qualquer outra linha fortificada e, desta forma, era impossível prever o comportamento da frente oeste. Os comandantes aliados podiam parecer lentos e cautelosos, mas a perseverança metódica e a esmagadora superioridade assegurariam a vitória final”.

Como conseqüência, Rommel propôs a realização de um combate em retirada para uma posição mais a retaguarda, que, relata Chester Wilmot, “acompanharia o obstáculo natural, de vulto, constituído pelo rio Orne, na direção sul até Thury-Harcourt; daí seguiria na direção oeste, através do monte Pinçon e do conjunto de colinas, densamente arborizadas, que se estendia até próximo de Granville, na costa ocidental da península de Cotentin.”

Ao longo desta linha — ainda em terreno boscoso, mas fora do alcance do fogo naval — a infantaria poderia formar “um cordão resistente” e liberar as unidades Panzer, as quais constituiriam uma reserva capaz de enfrentar qualquer ruptura na Normandia.

“Hitler parecia concordar”, declara o general Blumentritt, chefe do Estado-Maior de von Rundstedt, “Entretanto, permaneceu em silêncio e não tomou nenhuma decisão. Para contornar o assunto, apresentou as fotografias de um novo tipo de avião.” Seguiu-se uma ampla explicação sobre os prováveis efeitos do aparelho, ao ser empregado em apoio às forças terrestres. Por fim, Hitler devolveu a palavra ao Marechal Rommel.

Rommel esclareceu que não acreditava mais na realização de um segundo desembarque ao norte do Sena e repetiu a solicitação para uma irrestrita liberdade de ação no oeste. Sua necessidade mais urgente, disse, “era de uma diretriz para enfrentar a esperada ruptura do Exército Americano, na costa ocidental da península de Cotentin, e o retraimento da frente de Caen para além do Orne”. O Marechal von Rundstedt apoiou a solicitação.

Hitler não quis enfrentar a realidade desta apreciação sobre a situação do inimigo e o declínio diário do poder combativo das forças alemãs. Profetizou, relata o general Speidel, “numa estranha mistura de cinismo

e falsa intuição, durante um jôrrro infindável de frases auto-sugestivas, que as "armas V", postas em ação no dia 16 de junho, seriam decisivas contra a Grã-Bretanha".

Interrompeu a conferência para ditar a um representante do diretor da Imprensa do Reich a redação de um comunicado, para ser divulgado pelo rádio e pela imprensa, anunciando o primeiro emprêgo da bomba V.

Imediatamente os marechais solicitaram que as bombas V fôsem lançadas contra a cabeça de praia aliada na Normandia, e não sôbre as ilhas britânicas.

O Comandante Geral das armas V, general de Artilharia Heinemann, consultado, esclareceu que a margem de êrro dêses mîsseis era muito grande. Podiam cair fora do alvo de "nove a doze milhas, o que punha em perigo as tropas alemães na região da cabeça de praia". Hitler rejeitou a sugestão de lançar as bombas V contra os portos da costa sul da Inglaterra, onde estavam sendo embarcados pessoal e suprimentos para as fôrças de invasão. Declarou que desejava atingir Londres e fazer "os inglêses ansiarem pela paz".

Segundo o relato de Lutz Koch, a situação tornou-se dramática quando Rommel mencionou a absoluta inferioridade da Luftwaffe. Com um gesto de desespêro, Hitler exclamou: — "Fui o primeiro a ser enganado pelas mentiras relativas ao desenvolvimento da Luftwaffe. As informações que me prestaram sôbre o número de aviões e prazos de entrega eram muito diferentes da realidade".

Continuando, Hitler mostrou dúvida sôbre o incisivo relatório de Rommel a cêrca do poder destruidor do armamento inimigo. O Marechal replicou enêrgicamente, salientando que nenhuma autoridade do QG do Führer havia se aproximado da frente, para formar uma opinião sensata sôbre a situação tática e sôbre o efeito do armamento inimigo. Ao contrário, as decisões eram tomadas nas mesas de conferências e se ressentiam de uma apreciação baseada no conhecimento da linha de frente. E concluiu, relata Koch, dizendo: — "O senhor exige a nossa confiança mas não a retribui, confiando em nós".

Insinuação semelhante, custara ao Gen. Guderiam a perda do Comando do II Exêrcito Panzer, na Rússia, em dezembro de 1941. Desta vez, segundo Speidel, "Hitler ficou rubro, mas conservou-se em silêncio".

A conferência foi interrompida para o almoço, no qual, conta Speidel, "Hitler despejou no prato uma travessa cheia de arroz e vegetais, antecipadamente provados em sua presença. Pílulas e vidros contendo diversos remédios foram arrumados junto ao seu lugar e êle fazia uso dêles com freqüência. Dois SS montavam guarda atrás da sua cadeira".

Quando a conferência foi reiniciada, o Gen. Jodl, chefe da seção de operação do OKW, usou da palavra para indicar quais as novas unidades do exêrcito, marinha e aeronáutica que seriam trazidas para a frente e em que época chegariam.

Em seguida, Hitler discorreu sôbre o momento em que "formações maciças de caças a jato" seriam empregadas para varrer a supremacia aérea dos Aliados dos céus da Normandia e da Alemanha. Descreveu

a situação no este e sudeste como estabilizada, e perdeu-se em frases que profetizavam o colapso iminente da Grã-Bretanha sob o ataque das bombas V e jatos.

"A conferência, da qual os dois marechais tanto esperavam, tornava-se sufocante", conta Speidel, "com o descabido monólogo de Hitler".

O sinal de alarma aéreo, indicando a aproximação de aviões aliados, provocou a mudança do local da conferência para o abrigo antiaéreo do Führer. No abrigo "só havia espaço para Hitler, os dois marechais e seus respectivos chefes de Estado-Maior, e o ajudante de Hitler, general Schmunt".

Rommel aproveitou a oportunidade para realizar uma apreciação sobre a situação política. Previu o colapso da frente na Normandia e a impossibilidade de conter a penetração dos Aliados na Alemanha. Tentou sugerir, como solução política, uma aproximação com os Aliados Ocidentais. Chegou mesmo, conta Chester Wilmot, a perguntar: — "Mein Führer, o que pensa realmente sobre as nossas possibilidades de continuar a guerra?" Ao que Hitler, sem conseguir ocultar a raiva, retrucou: — "Trata-se de um assunto que não é da sua competência. Deixe-o para mim". (Este diálogo foi confirmado pelo Gen. Jodl, depondo em Nuremberg, no dia 6 de junho de 1946).

Prosseguindo, Rommel previu que a frente italiana desmoronar-se-ia — Roma cairia no dia 4 de junho — e só a duras penas a frente russa podia ser mantida. Ressaltou o completo isolamento político da Alemanha e o seu visível enfraquecimento, embora a propaganda procurasse provar o contrário. Sugeriu que fosse adotado um melhor tratamento para a França, pondo fim ao Programa Sauckel de recrutamento forçado de mão-de-obra e restringindo as atribuições da "Sicherheitdienst" (tipo de polícia de segurança).

Hitler interrompeu a conversa do Marechal por várias vezes, mas este retomava sempre a exposição. Porém, quando Rommel fez um veemente apêlo para que se pusesse um fim à guerra, Hitler encerrou a conferência, bruscamente, dizendo: — "Não se preocupe com a orientação futura da guerra, mas apenas com o setor da frente sob sua responsabilidade".

Eram 16,00 hoars do dia 17 de junho de 1944.

4. — *Conseqüências*

Antes do encerramento da conferência, o Gen. Schmunt, aparentemente impressionado pelas repetidas advertências de Rommel no sentido de que o Alto Comando necessitava adquirir conhecimento pessoal da frente, solicitou ao Gen. Hans Speidel que programasse, para o dia 19, uma visita de Hitler ao QG de La Roche Guyon, ou a algum outro QG mais apropriado. Todos os comandantes de unidade de tropa deveriam ser alertados no sentido de apresentar, pessoalmente, seus problemas.

Esta visita não chegou a ser realizada porque Hitler regressou a Berchtesgaden na noite de 17 para 18 de junho. A causa do retorno precipitado foi a queda, ao anoitecer de 17, de uma bomba V sobre o QG

de Margival. Imediatamente após o desprendimento da plataforma de lançamento, uma falha no mecanismo direcional havia provocado o desvio da bomba V para este.

Ao contrário da confiante afirmativa de Hitler de que a frente oriental se estabilizara, o que ocorreu foi uma ofensiva soviética em larga escala, a partir de 20 de junho, contra o Grupo de Exércitos do Centro. A frente foi rompida a cavaleiro da rodovia pavimentada Somlensk—Minsk. Em seguida, as divisões russas progrediram para a fronteira do próprio Reich, sem encontrar resistência. Todas as reservas à disposição do Alto Comando, inclusive Guarda Territorial, foram canalizadas para este, a fim de deter a avalanche.

As unidades mencionadas pelo Gen. Jodl durante a conferência, jamais alcançaram o TO de Oeste. Sem receber suficientes recompletamentos, os efetivos germânicos baixaram assustadoramente. Churchill assinala, em suas memórias, que o Gen. Eisenhower estimava o poder combativo de 27 divisões alemãs assinaladas como o equivalente a 16 divisões.

A capacidade de destruição da “arma milagrosa” — a V 1 — era, na realidade, mínima. Não compensava o esforço realizado para produzi-la e não afetava o poder combativo das forças invasoras. Da mesma forma, os caças a jato não chegaram a afetar a esmagadora supremacia aérea dos Aliados.

A falta de confiança do Führer nos seus generais, a persistência com que interpretava de forma inverossímil a situação militar e a impossibilidade de cumprir as promessas feitas, contribuiu muito para apressar a ação de Rommel contra o governo. “Ao terminar a conferência de Margival, ampliar-se o abismo que separava Rommel de Hitler”, afirma Speidel. O relatório enviado a Hitler, em 15 de julho, no qual Rommel “exigia que fossem tiradas as conclusões necessárias da situação atual”, constituiu a confirmação ostensiva do antagonismo reinante entre ambos.

Por outro lado, a conferência de Margival não produziu nenhum efeito benéfico sobre o moral, no TO. Rommel e von Rundstedt, conhecedores profundos que eram da situação, não se deixaram iludir pelas informações mirabolantes de Hitler. A visita do Führer à linha de frente teria contribuído não só para elevar o moral da tropa, mas, também, para contrabalançar o efeito provocado pela visita à Normandia de Churchill, no dia 12, e do rei Jorge VI, no dia 16 de junho, efeito que se fizera sentir até nas linhas alemãs. Mas nem isto foi realizado.

B I B L I O G R A F I A

El Mariscal Rommel — Lutz Koch

The Struggle for Europe — Chester Wilmot

Invasión 1944 — Gen. Hans Speidel

Segunda Guerra Mundial — Winston Churchill